

ELEFANTEBU

CULTURA POP E PATO FU

EDIÇÃO Nº9 OUTUBRO/NOVEMBRO DE 2005



Made in Mexico

Natalia y La Forquetina

Eu odeio o Lula e isso não é segredo. As pessoas que me conhece um pouco sabem da aversão que tenho pelo presidente da República. Acho que o Lula é um fantoche bobalhão que deveria deixar de falar em público e nos poupar de suas asneiras. Não é por menos que ele nunca deu uma entrevista coletiva aqui... seria um massacre! Mas se existe algum ponto positivo no "Mula", é o esforço para integração do resto da América Latina com o Brasil.

Claro que isso não se faz construindo estrada na Bolívia e deixando as nossas esburacadas, ou falando que aquele ditador venezuelano é um estadista e que o sanguinário do Fidel Castro é um herói da resistência. Ao lado de melhores relações comerciais e políticas entre os países latinos, é preciso também haver uma integração cultural que vá fortalecer esses laços.

É uma tarefa árdua porque existem preconceitos complicados de serem rompidos. Na escola aprendemos que o espanhol é um cara mal, e o português, apesar de estúpido, não é tão ruim. Desprezamos os argentinos e ignoramos o resto. O México é o país do Chaves, que exporta o suco Del Valle e as novelas bregas que passam no SBT. A simpatia por Cuba se desfaz numa partida de vôlei. Nós mesmos nos colocamos à parte da cultura latina. Música latina é uma coisa, música brasileira é outra.

Foi pensando em quebrar a minha própria resistência que procurei conhecer a música de língua espanhola. Comecei pela referência do Pato Fu: Aterciopelados. Depois cheguei ao Café Tacuba, que me levou a Natalia Lafourcade, que por sua vez levou a Julieta Venegas e a Andréa Echeverri. Conheci o Molotov, Miranda!, Juanes, Belanova e mais alguns outros. Percebi que a cena musical que fala espanhol é de muita qualidade e merece ser conhecida. A música quando é boa faz bem aos ouvidos em qualquer idioma.

Há um longo e árduo caminho para que essa abertura cultural aconteça. Enquanto isso, aqui vai uma força. Essa edição do Elefante Bu traz na capa a excelente banda Natalia y La Forquetina e resenhas de alguns artistas mexicanos. Destaque também para o conto escrito por Alex Luiz da banda Noitibó de Niterói.

Mudando de assunto, Maria Rita e a Warner viraram alvo da revista Veja em outubro. A gravadora distribuiu junto com o CD da filha da Elis um mini-iPod para os jornalistas das principais publicações. Poucos recusaram o presente e outros só devolveram após da denúncia da Veja. Não vou falar os profissionais que aceitaram o suborno em forma de iPod (se bem que isso abre um mundo de discussões). Lamento pela cantora que saiu com a imagem abalada. Será que uma crítica positiva vale o jabá? Será que Maria Rita precisa disso? Será que o fardo de ser herdeira de Elis Regina é tão pesado? A julgar pelo andamento da história (e pelo disco da moça) a resposta é sim. Uma pena.

PATOFU

DISCOS

natalia y la forquetina
julieta venegas
ultraje a rigor
leela e outros

OUTRAS COISAS

amorim x globo
zezé di camargo
mundo geek
alexluiz

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS:

Djenane Arraes

FOTO CAPA:

Divulgação

ILUSTRAÇÕES:

Daniela Casarotto

AGRADECIMENTOS:

Daniela Casarotto, Ricardo Moreira, Marcelo Lemos, Faabio, Babaloo Kid.

NA INTERNET:

Este fanzine é distribuído pelo site:

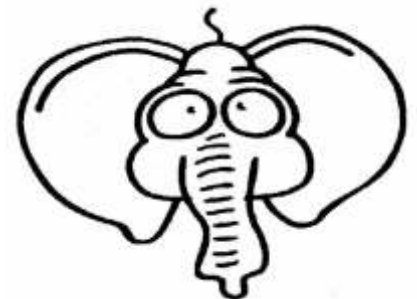
<http://www.poraoweb.com.br>

E-MAIL e EDIÇÕES ANTERIORES:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Natalia y La Forquetina direto. M.I.A (que é surpreendente). Um pouco de velharia com o The Who e Cat Stevens. Também parei para escutar com mais atenção *Agridoce*.



PATO FU NO VMB

Em noite de Pitty e Autoramas, o Pato Fu não saiu de mãos abanando na 11ª edição do Video Music Brasil, o famoso VMB, do canal MTV Brasil. A banda faturou o prêmio técnico de Direção de Arte com o clipe da música *Anormal*, dirigido por Jarbas Agnelli. O clipe concorreu em mais três categorias: Direção, Edição e Clipe Pop. O site oficial da banda (www.patofu.com.br) também recebeu indicação.

O Pato Fu tem uma lista respeitável de clipes vencedores em categorias técnicas. Entre eles estão *Made In Japan*, *Não Mais*, *Antes Que Seja Tarde*. A banda também ganhou em edições anteriores o prêmio de Banda Revelação, por *Sobre o Tempo*, e Clipe Pop com uma das músicas mais rock que fizeram: *Eu*.

A 11ª edição do VMB foi considerada a melhor da história do evento. As piadinhas sem-gramças dos apresentadores foram substituídas por rápidas performances musicais. Os melhores programas da MTV Brasil, como *Covernation*, *Balela* e *Top Top*, receberam referências nos anúncios dos indicados e nas apresentações dos shows. E o ator/apresentador/diretor de clipe Selton Mello apagou a péssima atuação da edição anterior com simpatia e competência.

Pitty levou o prêmio de Ídolo MTV 2005 e ainda foi considerada a vocalista da banda dos sonhos, formada por Japinha do CPM 22 (bateria), Champignon dos Revolucionários (baixo) e Edgar Scandurra do Irá! (guitarra). O Autoramas faturou os prêmios técnicos de Edição e Direção pelo clipe *Você Sabe*, que foi escolhido pela audiência na categoria Clipe Independente.

O QUE DIABOS É LA FORQUETINA?

No Brasil, gente que ganha disco de ouro (50 mil cópias) no primeiro dia de vendas, faz sucesso em diversos países e ainda tem trabalho divulgado em sala de cinema só pode ser coisa de axé-pop-star da estepe de Ivete Sangalo ou da dupla Zezé di Camargo e Luciano. No México, isso é coisa da Natalia y La Forquetina, uma banda "alternativa" (segundo o rótulo da MTV Latina).

O quarteto formado por Natalia Lafourcade (vocal, guitarra e violão), Alonso (bateria), Chanona (baixo) e Yunuen (teclados) faz bossa-nova, pop, rock, e coisas fora do usual sem medo de ser feliz. A banda surgiu e se consolidou na estrada. Natalia lançou o primeiro disco homônimo aos 17 anos em 2002 com composições próprias e recheado de hits que deixariam muita gente com inveja pela boa qualidade, como *Busca un Problema*, *En el 2000* e *Te Quiero Dar*. A moça ganhou status de fenômeno e conquistou discos de ouro e platina e vários países de língua espanhola. Ela ainda foi garota propaganda da Pepsi.



Para fazer a turnê do disco homônimo, foi chamado o quarteto La Forquetina para acompanhar Natalia. Logo a banda que tinha a função de apenas fazer os shows virou parte essencial do projeto. Os músicos passaram a dar entrevistas e a fazer clipes junto com Natalia. É mais ou menos como acontece aqui no Brasil com a Pitty. O disco é "solo", mas existe uma banda fixa por trás que participa de todo processo promocional.

A primeira vez que a estampa La Forquetina apareceu acompanhando o nome de Natalia foi na canção "Amar te Duele", tema de um filme de mesmo nome. Mas Natália e o quarteto (que virou trio depois da saída do guitarrista antes das gravações do segundo disco) se apresentou oficialmente como uma única banda a partir da divulgação de *Un Pato*, que foi tema do filme *Temporada de Patos*.

Casa, o segundo disco da vocalista, e o primeiro como Natalia y La Forquetina, foi lançado em agosto deste ano nos países da América Latina de língua espanhola, mais Estados Unidos, Espanha e Japão. A primeira música de trabalho, *Ser Humano*, no entanto começou a ser tocada nas rádios desde junho, dando o pontapé inicial a um forte trabalho de divulgação por parte da banda e da Sony/BMG. O resultado foi um disco de ouro no México no primeiro dia de vendas. Recentemente a rede de salas de cinema, Cinemex, passou a distribuir no país CDs promocionais ao público. Foi a primeira vez que algo do gênero aconteceu com um artista daquele país.

PORÉM...

A popularidade de Natalia y La Forquetina passa longe do Brasil. Nem mesmo a forte influência que vocalista recebeu de João Gilberto ajuda. É aquela velha história... música em espanhol só tem vez num mercado fechado e casos especiais como por exemplo: quando vira trilha sonora de personagem pasteurizado em novela da Globo, ou quando faz dueto com uma banda brasileira numa propaganda de cerveja, ou quando se faz show até em feira de exposição agropecuária (Shakira no início da carreira), ou quando se é um ex-integrante bonitão do Menudo! Fazer o quê? Um dia, quem sabe as coisas mudam e bandas de qualidade como Natalia y La Forquetina passe a ser conhecidos do grande público brasileiro, e não apenas por um seleto grupo de pessoas.

O DOCE CONFORTO DO LAR

Disco bom é aquele que te conquista até a segunda audição. A primeira nem sempre conta porque é o momento do choque, do reconhecimento à sonoridade e as novas letras. Se você deixar para se acostumar com o disco, algo passa a ficar suspeito. Por outro lado, o disco que passa na teste da segunda audição é perigoso: o que pra você é o ótimo corre o risco de se transformar num vício, o que não é tão ruim quando falamos de música.

Foi o que aconteceu com *Casa*, o segundo disco da Natalia Lafourcade (e o primeiro com a estampa "y La Forquetina"). É um trabalho tão bom, que te conquista na primeira audição e te vicia na segunda. Só esse detalhe já o credencia a estar naquelas famosas listas dos melhores discos do ano.

Casa é complicado de se definir. Tem canções pop, mas não é pop, ou pelo menos não da espécie instantânea e vazia. Tem rock, mas também não é rock. Existem canções experimentais que lembram Bjork, mas não é uma tônica. Há quem o classifique como alternativo, ou seja, aquilo que ninguém sabe direito o que é, logo pode ser qualquer coisa. Não chega a ser uma definição ruim para Natalia y La Forquetina.

O que se pode dizer com segurança é que *Casa* é um disco equilibrado. Começa vigoroso com *Em Tus Ojos* e *El amor es Rosa*. Depois caminha para a faixa-título, que é uma música fofinha cheia de imagens felizes. "Pongo miel em las historias que te cuento/ para que cierres los ojos y por fin tu puedas otra vez dormir/ y al outro día me digas/ qué bonito mi bonita señorita/ Yo no puedo vivir sin ti". As faixas que sucedem seguem alternando canções pop, baladas e aquelas de sonoridade estranha. Unidas proporcionam um ritmo adequado para que *Casa* passe de forma harmônica e sem baixas.

As canções são ricas em imagens e sensações. A balada *Alimento de la Vida*, por exemplo, é calma e boa para deitar numa rede em uma fazenda num dia chuvoso. As músicas mais tranquilas do disco merecem uma observação à parte. Natalia errou a mão no primeiro disco com as músicas lentas que não tinham batida de bossa-nova. Agora com a nova banda e disco, ela se redimiou.

As melhores canções estão na segunda metade de *Casa*. Entram aí *Ser Humano* (rock simples e vibrante com um solo muito bacana, a primeira música de trabalho), *Tic Tac* (a mais Bjork do disco), *Com Las Hojas Las Homigas* (pop com lá, lá, lá) e *Solamente te lo doy a ti* (pop com algo mais). A última música é a de ninar *Cuando Tudo Cambia*, que daria um desfecho perfeito. Mas a que encerra de verdade é a faixa bônus *Un Pato*, versão de *O Pato*, um samba de Jaime Silva e Neuza Teixeira de 1948 e gravado pela primeira vez como bossa nova na voz de João Gilberto. A versão de Natalia y La Forquetina ficou tão boa que pode-se dizer que a banda se apropriou da música.

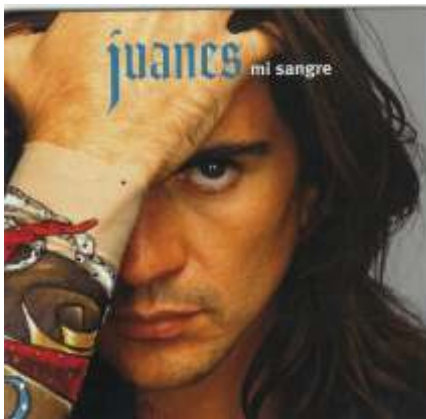
Natalia, que é cantora de voz meio nasalada, às vezes exagera com gritos aqui e acolá, mas nada que comprometa sua performance. Por outro lado, não há ressalvas na parte instrumental. O quarteto Natalia, Chanona, Alonso e Yunuén foram muito felizes na construção dos arranjos e da sonoridade. Fizeram uma obra que fizeram o primeiro disco (que é muito bom) parecer mais ou menos.

Casa é elegante, variado, bem gravado e bem tocado. Bom para todas as ocasiões.



Julieta Venegas – Sí

Julieta Venegas é uma artista do mundo da música completa: compõe, canta muito bem e toca vários instrumentos. A cantora mexicana tem três discos no currículo: todos eles são marcados por passagens de batidas programadas e um acordeom apaixonante. O pop que ela faz é elaborado e melodioso, de sonoridade universal (seria muito bem apreciado em qualquer país e em qualquer idioma). Porém os discos vão muito melhor quando apreciados em casa do que pra pular em festa. Apesar de toda discografia ser da melhor qualidade, para conhecer o trabalho de Julieta Venegas recomendo que comece pelo último, *Sí*. Não por ser o melhor, mas por ter duas canções sensacionais: *Lento* e *Andar Conmigo*. A primeira pode soar familiar se você assiste o programa Fantástico, da Rede Globo. Vira e mexe, lá está a introdução da música como trilha de alguma matéria de comportamento. Pudera, *Lento* ganha qualquer um depois das primeiras notas do acordeom. *Andar Conmigo* é brega e tem direito a um “uhuuuu” no final, mas é tão adorável que se tem vontade de escuta-la umas três vezes seguidas. *Sí* é o mais alternativo dos três trabalhos de Julieta (que inclui o de estréia *Aquí*, e o segundo *Bueninventó*), tem música nele que lembra até música sertaneja romântica, mas por isso mesmo é o mais inspirado.



Juanes – Mi Sangre

Um disco mais ou menos do roqueiro romântico mexicano. Há coisas muito boas nele, em especial as canções que aproximam do estilo latino espanhol. Outras são uma tremenda bobagem. Há aquelas, inclusive, que poderiam receber versão em português do Bruno e Marrone. Aliás, depois de ouvir a discografia do Juanes, não consegui entender porque ele é rotulado no México como artista do rock. Talvez pelas tatuagens, pela pose. Ou talvez porque o rock no México seja entendido de forma diferente. Juanes não é ruim, mas também não faz nada excepcional. Arrisque se quiser!

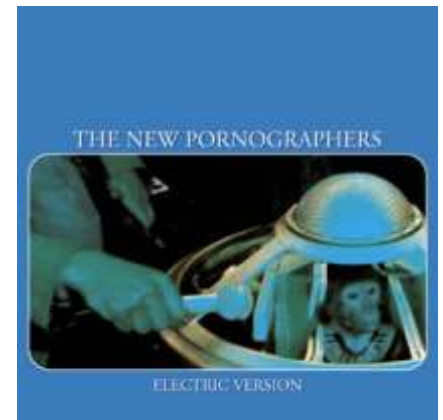
Belanova – Dulce Beat

Confesso que música pop voltada para o dance e casa noturna nunca foi a minha. Essa coisa muito cheia de eletrônica, de programações, nunca me emocionou. Depois que ouvi o trio mexicano Belanova, descobri que música assim continua não provocando nenhuma reação mais expressiva. Mas vamos ser justos. O trio faz música certinha, muito agradável, e a voz da menina é uma pluma. Só para não ser tão indiferente, o disco Dulce Beat traz a bossinha meio eletrônica *Mirame*, que é bacana. Começo a desconfiar que esses mexicanos gostam muito mais do ritmo de João Gilberto que os próprios conterrâneos.



The New Pornographers – Electric Version

O projeto “The New Pornographers” é paralelo para boa parte dos nove músicos que o integra. Mas por ironia, ele é muito melhor do que os trabalhos ditos “oficiais” dessas mesmas pessoas. Organizado por A.C. Newton (que tem disco solo, participou de trocentas bandas e tudo mais), um punhado de amigos se reuniu para fazer um som em Vancouver, Canadá, em 1997. A brincadeira rendeu três discos! *Electric Version*, de 2003, é o segundo deles. The New Pornographers é power pop. Tem melodias grudentas e assobiáveis, músicas dançantes, vocais masculinos e femininos de intercalando, e moog micromoog synthesizer. É um mundo ensolarado no frio canadense. Não seria justo pegar uma música do disco e dizer “é a melhor”, ou “escute essa e entenda a banda”, porque todas elas mantêm um padrão. De qualquer forma *The new face of zero and one* é uma faixa interessante. A canção que dá nome ao disco também é uma boa pedida. The New Pornographers é para quem gosta dos dois primeiros discos do Bidê ou Balde, Vídeo Hits, Wonkavision, The Shins e tudo mais que vai por esse caminho.



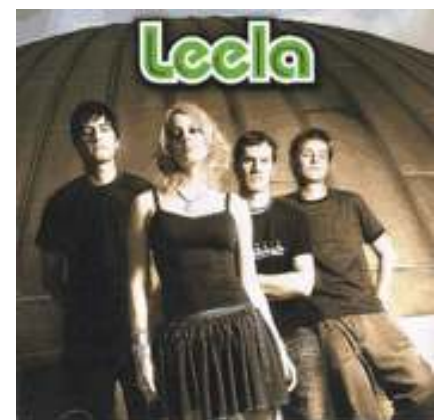
Ultraje a Rigor – Acústico MTV



Ok! Discos ao vivo e acústicos dominaram o mercado brasileiro, em especial aqueles que levam a estampa da MTV, o que é algo muito ruim. Lançar um disco nesse formato é quase sinônimo de coisa picareta caça-níquel, além de ser uma espécie de atestado de esgotamento criativo. Há quem diga que ele é uma bela celebração do fim da carreira. A banda tem que ser muito foda para provar o contrário (os Titãs, por exemplo, não conseguiram até hoje e como alguns outros comprovaram a teoria). Mas vamos ser francos... disco ao vivo/acústico é picareta, mas é legal. No caso do Ultraje a Rigor, é muito legal. Primeiro porque ele é super-picareta. Roger Moreira e cia não se dignificaram nem em fazer versões novas para clássicos como *Zoraide*, *Pelado*, *Independente Futebol Clube* (que teve direito a participação direta da platéia), *Nós vamos invadir sua praia* e etc. No máximo essas canções receberam o arranjo de um sax aqui, uma flauta acolá e já está bom demais. O único clássico que foi modificado de leve foi *Ciúmes* e olha que a alteração quase estragou a música. O acústico do Ultraje tem alguns pontos baixos como as bobagens *Jessé Go* e *Eu não sei*. O resto é diversão pura. Parece celebração de fim de carreira, mas é legal.

Leela – Leela

O disco bem que poderia se chamar “a saga da dominatrix em crise” devido a temática das canções. Olhe esses exemplos e vê se não é verdade: “eu queria que fosse um viciado pra eu ser sua heroína/ e poder dizer eu te amo sem nenhuma ironia/ eu odeio gostar de você”. “Gosto de sentir mãos sendo suas ou minhas”. “Dentro do meu quarto rasgo todos seus retratos/ e jogo fora tudo que me lembre nosso caso”. “Só consigo amar e sentir dor”. “Vou implorar pra ser seu prato principal”. “O meu amor é cheque-mate pra qualquer um”. E ainda tem o refrão do primeiro hit da banda, *Te Procuro*: “eu só quero brincar com você”. Zoação à parte, o certo é dizer que Leela é uma banda muito bacana. É rock para pular e se divertir pra valer. O disco de estréia é um barato e ainda traz uma versão muito boa de *Blá, Blá, Blá... Eu te amo (rádio Blá)*, do Lobão.



DISCOS PARA TODAS OCASIÕES



Fábio – editor da revista eletrônica Ruídos

Para trabalhar em frente do computador: Wilco - *Yankee hotel foxtrot*

Para ouvir depois de um dia terrível: I sobel Campbell – *Amorino*

Para escutar deitado na rede num dia de chuva: Rolling Stones - *Their satanic majesties request*

Para chupar picolé na praia: Ultraje a Rigor - *Nós vamos invadir sua praia* (ou o acústico)

Para espantar a tristeza: Jumbo Elektro – *Freak to meet you*

O que não se deve ouvir: qualquer um do Rappa

O melhor do mundo: Radiohead - *Ok computer*; Pink Floyd - *Dark side of the moon*; Beatles – *White Album*; Neltral Milk Hotel - *In the aeroplane and over the sea*; Rolling Stones - *Exile on main street*; Beach Boys - *Pet sounds*. Sem esses não dá pra viver.



Marcelo Lemos – Administrador de Rede

Para trabalhar em frente do computador: Nenhum!
Música atrapalha minha concentração.

Para ouvir depois de um dia terrível: Los Hermanos - *Ventura*

Para escutar deitado na rede num dia de chuva:
Adriana Calcanhoto - *Cantada*

Para chupar picolé na praia: Pitty - *Anacrônico*

Para espantar a tristeza: Kid Abelha – *Acústico MTV*

O que não se deve ouvir: Bruno e Marrone - qualquer um. Simplesmente intragável

O melhor do mundo: Los Hermanos - *Ventura*



A NOTÍCIA QUASE FEZ A FRAUDE

Um dos maiores mitos de nossa época é dizer que a rede Globo de Televisão elegeu todos os presidentes da República após a redemocratização. O exemplo mais emblemático foi o debate decisivo entre Fernando Collor e Lula em 1989. No livro *Jornal Nacional – a notícia faz história*, a emissora mostra que toda cobertura jornalística daquelas eleições foi imparcial, respondendo a acusações feitas por Leonel Brizola (então candidato a presidente) de que Fernando Collor era o candidato favorecido.

O jornalista Paulo Henrique Amorim, que trabalhou na Globo por mais de dez anos, contesta essa imparcialidade no livro *Plim-Plim – a pelega de Brizola contra a fraude eleitoral*. Ele afirma, por meio de depoimentos de outros profissionais, que o chefe da Globo, Roberto Marinho, ordenou que se mostrasse o melhor de Fernando Collor e o pior de Lula na edição daquele debate. De fato, a Globo não elege ninguém, mas ela trabalha em prol de um resultado. É o que Amorim tenta provar tomando como exemplo as eleições para governador do Rio de Janeiro de 1982, a primeira democrática realizada no Brasil após o AI-5. A Rede Globo foi acusada de estar participando de uma fraude eleitoral para favorecer/eleger o candidato da situação, Moreira Franco (PDS). O caso foi um escândalo e os profissionais da emissora chegaram a ser apedrejados nas ruas.

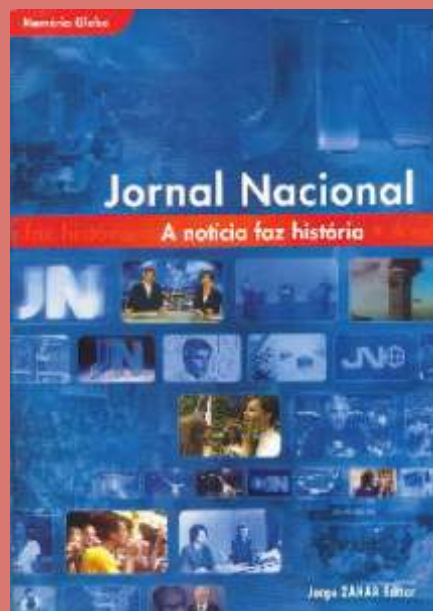
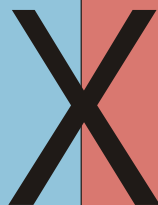
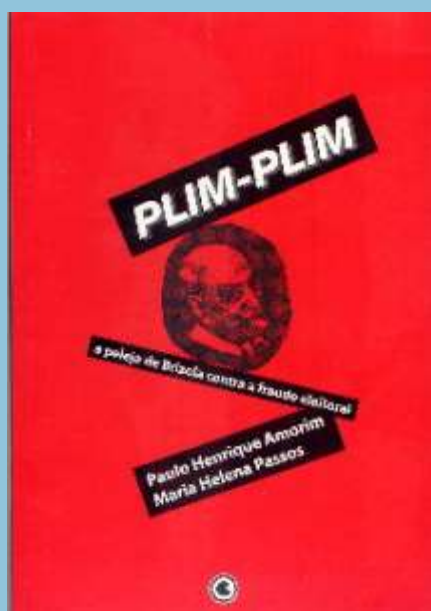
Na época, a Globo anunciava no *Jornal Nacional* que Moreira Franco estaria à frente de Brizola e que a eleição estaria indefinida. Os dados destoavam da apuração feita pelo *Jornal do Brasil*, onde Brizola sempre aparecia à frente e que as projeções apontavam que o candidato já teria faturado a eleição. Alguma coisa estava errada nessa história e acabou por levantar a tese de fraude eleitoral. Brizola agiu com rapidez e denunciou o problema numa entrevista coletiva para agências internacionais. O escândalo estava formado.

Enquanto no resto do país as apurações feitas pelo Serpro (Serviço Federal de processamento de Dados) estavam quase encerradas, no Rio ela se arrastava a passos de tartaruga. Quem era responsável pelo processamento de dados era a empresa Proconsult, que teria sido contratada pelo governo após processo de licitação suspeito que já visava a tentativa de fraude.

O livro *Jornal Nacional* argumenta que toda a confusão nas apurações aconteceu por causa de um erro de estratégia. Os resultados parciais para governador seguiam as informações do jornal *O Globo*, que fazia uma apuração lenta demais para o ritmo televisivo. Por isso elas destoavam tanto daquelas feitas pelo *Jornal do Brasil*. “Nós queríamos colocar números exatos, verdadeiros. Então, enquanto as projeções já davam Brizola na frente, os números que recebíamos davam bem atrás, o que permitia uma campanha mal intencionada contra a Rede Globo, no sentido que a Globo estava manipulando os números, dando os números da Proconsult”, disse o diretor da Central Globo de Jornalismo, Armando Nogueira.

Já o livro *Plim-Plim* mostra outra versão. Roberto Marinho era inimigo político Miro Teixeira, candidato pelo PMDB. Antes de viajar para o exterior, ele havia passado instruções ao filho Roberto Irineu Marinho para eleger Moreira Franco de qualquer jeito. Para comprovar a tese, Amorim refaz o dia-a-dia da tentativa de fraude, mostrando as manchetes dos jornais e as ações dos principais personagens envolvidos. Ele destaca a esperteza de Brizola, que agiu rápido a fim de evitar a manipulação dos resultados. Amorim ainda faz uma reflexão interessante a respeito do depoimento mais relevante sobre o caso que está no *Jornal Nacional* feito por Alberico de Souza Cruz: “Hoje estou convencido que existia um complô. Mas a Globo não participou dele até porque não tinha competência para isso. Podia ser que algumas pessoas da Globo tivessem conhecimento desse complô contra o Brizola, mas nós não tínhamos. Nós, os profissionais, não tínhamos conhecimento nenhum. A Globo nunca participou de nenhum complô, a Globo que eu digo, os profissionais da Globo, nunca participaram de nenhum complô contra o Brizola”.

É importante frisar que um jornalista não publica uma mentira. Mas ele pode omitir fatos ou selecionar apenas aqueles convenientes com a linha ideológica do meio de comunicação onde trabalha. Quem procura a imparcialidade precisa ouvir os dois lados e tirar sua própria conclusão. Por isso, leia o que tem a dizer os dois livros e formule a sua tese. É um bom exercício crítico.



BASTA APENAS UM HIT

A vida de Zezé di Camargo rende um dos melhores filmes nacionais dos últimos anos

Um hit é o que basta para mudar a vida de uma pessoa ou várias. Um só! É simples e inacreditável. Às vezes nem precisa ser uma obra-prima. Basta que ele aconteça no momento certo.

O filme *2 Filhos de Francisco*, de Breno Silveira, é o exemplo extremo do que uma música é capaz de fazer. Mirosmar foi menino pobre que cresceu num sítio no município de Pirenópolis, cidade histórica de Goiás. Era o mais velho de nove filhos de dona Helena e seu Francisco Camargo, um homem sonhador que estimulou o menino a aprender música ao invés de manda-lo ajudar na plantação. Seu Francisco era considerado um doido. Quando percebeu que a roça não daria futuro algum para seus filhos, em especial para Mirosmar e Emival, mudou para Goiânia com a família sem um tostão no bolso. Arrumaram um barraco pra morar, e o seu Francisco precisou aprender o ofício da construção civil para alimentar dez bocas. Quando a fome apertou, Mirosmar e Emival resolveram se apresentar na rodoviária para ganhar alguns trocados. Lá conheceram o primeiro “empresário”, que os explorou durante meses.

A dupla se apresentava em todas as biroschas de Goiás. Ganhavam moedas enquanto o empresário embolsava as cédulas. Numa viagem entre uma “currutela” e outra, houve um acidente de carro que vitimou Emival. A tragédia abateu Mirosmar, mas não o suficiente para fazê-lo desistir. Ele cresceu e virou Zezé. Cantava em bailes da cidade, festas. Numa delas conheceu a mulher, Zilú. Casou, pôs no mundo a Wanessa Camargo, foi pra São Paulo, gravou discos fracassados. Quando estava desistindo, eis que surge o irmão mais novo, Weston, um grande picareta! A única coisa que Weston serviu foi para dar ânimo novo a Zezé. Ele que insistiu na música e gravou disco com o irmão, que virou Luciano.



Mas o selo havia decidido não investir por achar fraco. Zezé e Luciano voltaram para Goiânia, e foi quando seu

Francisco decidiu agir. Gastou um salário em fichas telefônicas para ligar para a rádio e pedir a música dos filhos. *É o Amor* virou hit nacional e mudou a vida da família Camargo. O resto da história é de conhecimento geral. A dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano vendeu milhões de discos, ganhou milhões em dinheiro. Por fim a vida deles pré-*É o Amor* viraram um belo e ótimo filme nas mãos de Breno Silveira.

Você pode não gostar da dupla ou do estilo sertanejo, mas precisa ser muito preconceituoso para falar que o filme é ruim. *2 Filhos de Francisco* é uma das melhores produções nacionais desde a retomada em 1992. É verdade que a história real do menino que vence a miséria funciona muito bem, e que a popularidade da dupla ajuda. Mas tudo seria em vão se os produtores não usassem bem os R\$ 5,9 milhões (uma fortuna para o cinema nacional). Outro ponto a favor foi a escalação de um elenco competente liderado por Ângelo Antônio (ótimo no papel) e a versátil Dira Paes. O resultado foi que *2 Filhos de Francisco* é a maior bilheteria do ano no Brasil (4,5 milhões de pessoas). É também uma das maiores da história do país ao lado de *Carandiru* e *Dona Flor e seus dois maridos*. A indicação para ser o representante brasileiro na corrida ao Oscar 2006 e com boas chances de chegar lá, afinal, os velhinhos que votam no Oscar adoram filmes sentimentais.

Claro que Zezé di Camargo fez dezenas de hits depois de *É o Amor*, mas se não fosse por essa canção e as fichas de telefone do seu Francisco, não haveria Zezé di Camargo e Luciano, não teríamos de aturar a Wanessa Camargo e esse filme não existiria! Um hit! Só um!



A Bizz voltou! Infelizmente a revista que chegou a ser considerada a bíblia da música nos anos 80 não trouxe nada de novo nas duas primeiras edições desde a retomada. O mundo não pode estar tão parado para justificar capa dos Ramones e Rolling Stones, diagramação velha e um conteúdo "mais do mesmo". Se liga Ricardo Alexandre!

Após duas mudanças de diretores e modificações no roteiro, o filme X-3 começou a ser rodado em Vancouver, no Canadá. De acordo com especulações, a história gira em torno do confronto físico e ideológico entre os discípulos do professor Xavier e de Magneto. No meio da confusão estará Jean Grey, que retorna como Fênix. Nos quadrinhos, Fênix é a criatura mais poderosa da galáxia que costuma salvar o mundo várias vezes. No entanto o poder quase ilimitado aliado ao pouco conhecimento e ao descontrole emocional faz com que a benevolente Jean Grey se transforme na aterradora Fênix Negra, aquela que destrói uma civilização inteira para satisfazer um mero capricho. A saga Fênix é considerada uma das mais importantes da Marvel. Ela foi publicada pela primeira vez em 1976 e de tempos em tempos é reeditada em edições especiais e comemorativas. Fênix personificada pela águia de fogo transformou Jean Grey num dos personagens mais amados dos X-Men, tanto que esse processo de transformação da personagem virou uma obrigatoriedade em filmes e nos desenhos animados sobre o grupo mutante. Todo o elenco principal retornou para o terceiro filme. Além de Fênix, Wolverine, Professor X, Tempestade, Magneto, Mística, Vampira e Homem de Gelo, vão aparecer na telona com um pouco mais de destaque: Fera, Colossus, Lince Negra e Fanático. "Às vezes amigos morrem e inimigos renascem", Charles Xavier.

ELETROESTÁTICO?

Uma história de AlexLuiz

Fui um garoto quieto. Bicho-do-mato como se diz, sempre escondido, agarrado à saia da minha mãe. Bastava a campainha tocar pra eu correr pra debaixo da cama, sair pela porta da cozinha ou me esconder atrás do armário. Tinha vergonha das visitas, não conseguia ser eu mesmo, não me sentia confortável com gente me olhando. Assim eu não brincava, eu representava. Era um mini ator que batia os carrinhos, um contra o outro, sem a menor vontade. Com força comedida, desconfiança e uma eterna vontade de ficar sozinho. Até hoje detesto visitas. Quando alguém chega arranja logo uma coisa pra fazer, finjo que estou lendo um livro, consertando a pia ou arrumando o escritório. Assim, quem sabe, a pessoa vai embora um pouco mais rápido com uma leve sensação de culpa de que está interrompendo algo.

Outro dia, pouco antes de um colega meu chegar na minha casa, resolvi fazer a troca do modelo de interruptores da casa que já estavam comprados há algum tempo, mas esperando uma oportunidade para irem pras paredes. Desliguei os disjuntores da casa e lógico, deixei Bruno numa situação incômoda quando chegou, a tal ponto que ele resolveu me ajudar. Logo, como era inevitável, tomei um pequeno choque. No começo não sabia se tinha sido o próprio fio que havia me espetado ou tinha sido obra mesmo da corrente elétrica. Pra me certificar, coloquei o dedo direto no fio. Senti energia até as raízes dos fios de cabelo mas ao invés de soltar um puta palavrão senti na verdade uma euforia esquisita. De um tipo que nunca havia sentido. Uma energia renovadora, algo que desafiava até a minha estrutura óssea. Sentia que poderia correr quilômetros sem me cansar, tive ótimas idéias pra desenvolver na empresa e mil planos de vida familiar me correram pelos olhos. Não, eu não tinha virado o superman ou qualquer um desses super-heróis de cueca pra fora da calça. Eu sentia como se tivesse rejuvenescido. Como disse, quando criança sempre fui quieto. Não era de me machucar e nunca quebrei nada enquanto meus amigos de escola sempre apareciam com um gesso no braço ou nas pernas e eu morria de inveja. Nunca tive a oportunidade de pedir pra alguma menina escrever no meu gesso. Melhor assim, sei que também, naquela época, não teria coragem suficiente.

A partir daquela situação comecei a rever toda a minha atitude diante das dificuldades e do mundo. Fui ficando deprimido, comecei a ter insônia e passei a tomar antidepressivos por conta própria. Não queria mais dividir aquela casa com o meu irmão, comecei a detestar o trabalho e a ficar desleixado com os projetos. Fui percebendo que na verdade eu sempre fui morto, nunca tive o prazer de uma traquinagem quando criança, de uma boa briga pra me afirmar quando adolescente, de um sexo fora de hora quando adulto. Sempre respeitei o horário de tudo e fui protegido pela vida e nunca havia passado por situações limite e se houvesse passado, acho que nem teria notado. Infelizmente o choque elétrico na verdade tinha me posto em contato direto com a vida de forma crua e intempestiva. Como a nuca havia confrontado.

Comecei a me energizar nas tomadas. Aqueles choquinhos eram um alívio tremendo. Na verdade eram minha sobremesa. Só de pensar sinto um leve sabor agridoce na boca. Claro que essa não era uma solução definitiva, mas já era um apetitoso aperitivo.



ELETROESTÁTICO?

Resolvi sair mais à noite pra espairecer. Não agüentava aquelas piadas dos meus colegas, aqueles papos de comedores de mentira eram foda de agüentar, mas pior era ficar em casa nutrindo as dores no peito e aquela angústia que não ia embora nunca. Numa dessas conheci Tainá. Ela era uma menina linda, a garota mais linda que eu já peguei na vida, eu passeava junto com ela e podia ouvir os pensamentos na rua: como é que esse careca pode ficar com uma gostosa dessas? Pra falar a verdade até hoje não sei. Ela me disse que via em mim algo que também era um pedaço dela. Nunca discordei, mas ela não tinha nada a ver comigo. Nossa relação era maravilhosa, ela era boa, compreensiva, birrenta e ciumenta. Adorava aquele ciúme dela. Me sentia tão especial quando ela falava mais alto e botava em cheque os meus olhares perdidos na rua. Era tudo o que eu podia querer naquele momento difícil. Só que não era mole agüentar o pique naquela mulher não meu amigo. Aquilo era um vulcão e eu não podia decepcionar logo no começo de namoro. Me esforçava ao máximo e a cada noite que ficávamos juntos podia jurar que perdia um cinco quilos. Passei a descobrir que, se descalço, poderia tomar choques mais fáceis debaixo do teclado do computador. Era um tipo de choque diferente do da geladeira ou do chuveiro, trazia outro tipo de gosto a boca e o formigamento era diferente, mas dava uma onda legal. Teve uma noite que Tainá chegou em casa e eu não tava bem. Apesar de tudo ainda sentia uma pressão invisível do universo, uma tristeza violenta, alguma coisa com a qual eu não podia lutar e nem sabia como. Mas ela não estava nem aí pra isso. Tinha tesão nos olhos e eu senti medo quando me beijou com força. Apesar dos carinhos não tinha jeito, eu não me animava. Falei pra ela ir deitar que eu iria no banheiro. Abri a tomada que tinha lá com a ponta da tesourinha de unha e tomei um choque de 110 volts no corpo que me deixou bobalhão durante um bom tempo. Tempo suficiente pra eu perder Tainá. Tudo bem, era bonita demais pra mim, não saberia administrar o nosso namoro por mais tempo mesmo. Fiquei com medo de choques. Apesar de toda aquela energia que senti correr junto com os meus glóbulos vermelhos, minhas plaquetas e meu pensamento naquele momento em que meus dedos estavam grudados no fio desencapado, não tinha mais coragem de recorrer a eletricidade de novo pra me animar. Na comunicação entre meus neurônios depressivos já havia corrente elétrica demais. Entretanto o mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo pra mim. Não estava mais protegido por forças estranhas nem superiores, tudo quanto é tipo de desgraça poderia me acontecer. Tudo aquilo que passa nos noticiários, tudo que acontece nas ruas, não estava mais imune como havia passado todos aqueles anos. Eu era um playbozinho metido a intelectual, achando que a vida se resumia a toda aquela rotina odiosa e intransponível. Já estava começando a achar que desgraças também poderiam ser boas pra mexer com a gente. Até que conheci Fernanda.

E lá estava eu. Todo elétrico de novo.

AlexLuiz é compositor, poeta e escritor, além de vocalista/guitarrista da banda Noitibó, de Niterói, RJ. Ele é autor do livro multimídia de poesias *Cadê Meu Telepropter?* e do romance *Átimo*, lançado neste ano de forma independente.

